



RESENHA DE OBRA QUE ANALISA SHAKESPEARE NA FILOSOFIA E PARA A VIDA

REVIEW OF A BOOK THAT ANALYZES SHAKESPEARE IN PHILOSOPHY AND FOR LIFE

RESEÑA DE OBRA QUE ANALIZA A SHAKESPEARE EN LA FILOSOFÍA Y PARA LA VIDA

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i3.1274>

Autor: **Rogério Duarte Fernandes dos Passos**

RESUMO

A presente resenha lança um olhar ao texto de Leandro Karnal e Valderez Carneiro da Silva analisando a peça Hamlet, Príncipe da Dinamarca, sobretudo, a partir de suas contribuições em direção a filosofia, por meio de breve revisita à história das ideias, e alocando-as rumo a melhor compreensão da própria vida.

Palavras-chave: Hamlet de Shakespeare. Revisão filosófica de Shakespeare. Filosofia e literatura. Filosofia para o melhor entendimento da vida.

ABSTRACT

This review takes a look at the text by Leandro Karnal and Valderez Carneiro da Silva analyzing the play Hamlet, Prince of Denmark, above all, from its contributions towards philosophy, through a brief revisit to the history of ideas, and allocating it into a better understanding of life itself.

Keywords: *Shakespeare's Hamlet. Shakespeare's Philosophical Review. Philosophy and Literature. Philosophy for a better understanding of life.*

RESUMÉN

La presente reseña hace un recorrido por el texto de Leandro Karnal y Valderez Carneiro da Silva, analizando la obra teatral Hamlet, Príncipe de Dinamarca, sobre todo, desde sus aportes a la filosofía, a través de un breve repaso a la historia de las ideas, y destinándola a una mejor comprensión de la vida misma.

Palabras clave: *Hamlet de Shakespeare. Revisión filosófica de Shakespeare. Filosofía y Literatura. Filosofía para una mejor comprensión de la vida.*



UM OLHAR SOBRE OS OLHARES DO TEXTO

Neste texto temos os olhares e sentimentos do historiador e filósofo Leandro Karnal e da professora Valderéz Carneiro da Silva acerca da peça *A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca* – simplesmente *Hamlet* –, do dramaturgo britânico William Shakespeare (1564-1616). Nestes comentários à peça, os autores dialogam com um dos textos mais imponentes – tanto do ponto de vista cultural quanto filosófico – de todo o Ocidente, caminhando pelo desenvolvimento de ideias ao modo de um conhecimento espiralado, em que a peça se oferece como tese e as reflexões alocando-se como antíteses, propondo uma cognição similar à síntese epistemológica de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). Entretanto, o mérito maior da obra é ir além da síntese hegeliana e convidar o leitor a uma jornada de aprendizado verdadeiramente contemporânea do ser humano e de suas circunstâncias por meio da arte, superando o ínterim e localização meramente temporal de uma peça aparentemente com conotações estruturais de ordem medieval, uma vez que o início de sua produção remonta possivelmente em meados de 1599.

Hamlet, o Príncipe da Dinamarca, a partir da visão do espectro de seu pai, outorga destino trágico a si mesmo, caminhando pela existência sem propósito que não seja a vingança dessa morte pedida por aquilo que assume a forma do fantasma familiar. Ter-se-ia aqui o *daemon* de Sócrates (ca. 47- a.C.- ca. 399 a.C.) ou a obsessão relatada nos estudos de codificação espírita de Allan Kardec (1804-1869)?

Para os autores, um ou outro? Antes de tudo é preciso ter em conta que *Hamlet*, o Príncipe da Dinamarca, é o “professor” que traz sentido às muitas experiências dos autores, que na descrição de algumas delas, trazem um empirismo compartilhado, que em tempos de uma suposta pós-modernidade, assumem significados distintos para diferentes pessoas e leitores. E um dos caminhos que vislumbramos no texto é a busca por um sentido autêntico à existência, assinalada na vida em sociedade por dificuldades, angústias, sentimentos idealizados – inclusive pelo conto do faz-de-conta de saciedade e felicidade das redes sociais – e influência de mão dupla de indivíduo em direção da sociedade e desta absorvendo-o enquanto corpo político e social.

Não deixa de vir à memória a confronto do texto com o existencialismo de Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Simone de Beauvoir (1908-1986), sobretudo, na busca de uma essência que guie *Hamlet* em direção de uma realização superior que materialize a sua existência, até então relatada como fútil nos momentos que antecedem a chegada do espectro paterno. Se, de fato, tomarmos um olhar existencialista que nos guie em direção de um humanismo – dentre os polissêmicos sentidos que a leitura de Karnal e Silva nos imprime – supomos que o texto e o próprio trabalho



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

shakespeareano adquirem ainda maior sentido, superando a condição metafísica da arte querer imitar a realidade.

A profundidade hamletiana advém para além – ou aquém – do texto filosófico, permitindo – e por que não? – o deleite do leitor, ao modo de um romance de formação – *bildungsroman* que se alicerçaria em futuro *Aufklärung* (1715-1789) –, que nos permita igualmente tensão na contemplação da personagem que se quer grandiosa na estória, a par de em algum momento também, perceber tudo ruir, apenas soçobrando o lado menos digno da vingança.

O “ser ou não ser, eis a questão”, contido no monólogo da primeira cena do terceiro ato, além dos aforismos filosóficos ou literários, reitera o vultoso potencial do eu lírico em afirmar em desatino e tragédia a questão da dúvida, ora alocando-se para além dos fundamentos do existencialismo e do ideal a ser substanciado no futuro *bildungsroman*, e na concretização das premissas do silogismo lógico do *organon* de Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), e, mesmo, no sofisma e gnoseologia de Protágoras (ca. 490 a.C.-ca. 420 a.C.), com seus postulados do incerto e relativo acerca do objeto, de certa forma já em indícios anteriormente enunciados pela mobilidade do mundo de Heráclito de Éfeso (ca. 500 a.C.-ca. 540 a.C.), reveladores de íterim contínuo para a tentativa de descoberta do universo. Mesmo assim, Hamlet assume cautela ao reconhecer limites em nosso processo de cognição, pois “há mais coisas no céu e na terra do que pode sonhar tua vã filosofia”, sugerindo-nos a relatividade do conhecimento no interregno de estudos contemporâneos da física e filosofia em temas de tempo, espaço e redimensionamento de grandezas newtonianas pugnadas por Albert Einstein (1879-1955) (KARNAL; SILVA, p. 48 e 74-75).

Os autores apresentam conclusões separadas no texto, ainda que em unidade e pragmatismo, identifiquemos as virtudes requeridas em direção da vida digna, em que a isonomia é substância da verdadeira amizade, sem relações de autoridade e alicerçada na sinceridade para o exame da alma (KARNAL; SILVA, p. 45 e 70), ao lado da honra cavalheiresca, ora prevalecente como valor ético na Idade Média (KARNAL; SILVA, p. 46). *Ipsa facto*, entre amigos, há a necessidade de controlar o orgulho e vaidade (KARNAL; SILVA, p. 71), com a exigência de não relativizar valores éticos no momento contemporâneo em direção de um lugar maior (e melhor) (KARNAL; SILVA, p. 76). Na vida empresarial, porém, vigora a internalização do repressor (KARNAL; SILVA, p. 104) e as sempre presentes explicações psicanalíticas de Sigmund Freud (1856-1939) que se encaixam nos “filhos” de Shakespeare e que querem alocar-se nas leituras de tantos outros fenômenos (KARNAL; SILVA, p. 109-110).

Hamlet subjuga-se à realidade que ele supõe ser a sua visão do real, ainda que claudicante no lusco-fusco de seu próprio mundo, como que a representar o aforismo de José Ortega y Gasset



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

(1883-1995) do ser, estando e existindo diante das próprias circunstâncias (KARNAL; SILVA, p. 111). Assim, Hamlet, Príncipe da Dinamarca, se aproxima muito mais do realismo político do “Príncipe” de *virtú* de Nicolau Maquiavel (1469-1527), do que de “O Pequeno Príncipe” de Antoine Saint-Exupéry (1900-1944), sem ambiguidades (KARNAL; SILVA, p. 145-146), muito embora, persista a dúvida da circunstância de não existir nos direitos medievais dinamarquês e inglês da dinastia Tudor a possibilidade de um irmão – na peça, a personagem Cláudio – assumir o trono com o filho do rei falecido – Hamlet –, vivo e, por óbvio, preterido (KARNAL; SILVA, p. 145).

Ser corajoso ou prudente? Para um passo além de Maquiavel, entretentes, quem oferece a resposta jurídica via percepção de Karnal e Silva é o jurista romano Cícero (106 a.C.-43 a.C.), nos clamando à razão – associada à nossa capacidade de percepção do antes, do agora e do depois –, de forma que seu exercício útil nos guiaria rumo à condição de seres éticos (KARNAL; SILVA, p. 150). Contudo, de certa forma, é necessário algum ímpeto, pois como ensinava o historiador francês Marc Bloch (1886-1944) – que foi especialista em história medieval –, falas e atos naufragam no leito da memória (KARNAL; SILVA, p. 150). Agir, então, para tentar alcançar a “boa morte”, no mandamento de Jesus para perdoar setenta vezes sete e se reconciliar com o inimigo enquanto se está em jornada com ele – e em recorrências outras que podem remontar ao Livro de Gênesis e ao poeta Lucrécio (ca. 94 a.C.-ca 50 a.C.) –, nos traz a confiança do rearranjo da matéria na especulação da formação de corpos e de alma imortais (KARNAL; SILVA, p. 169).

Será que, finalmente, estamos potencialmente munidos de elementos para a resposta das questões feitas supra?

Enfim, o ensinamento socrático sublinha o texto enunciando que o conhecimento do outro, conduz ao de nós mesmos (KARNAL; SILVA, p. 170), no que temos a ousadia de acrescentar nessa jornada perceptivo-cognitiva a necessária presença de filosofia e livros.

Hamlet, Karnal e Silva oferecem, portanto, repositórios para reflexão e compreensão da vida ao modo da arte e da filosofia.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos às alunas e alunos da Escola Técnica Estadual de Hortolândia e Escola Técnica Estadual Conselheiro Antônio Prado (ETECAP), em Campinas, sempre a impulsionar-nos para a frente.

REFERÊNCIA



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

KARNAL, L.; SILVA, V. C.. **O que aprendi com Hamlet**: porque o mundo é um teatro. São Paulo: Leya, 2018, 213 p.